

A sinergia entre a encíclica *Laudato Si'*, Rm 8,22 e o poema *Os Estatutos do Homem*: provendo uma cultura sustentável para a criação “que geme e sofre como que em dores de parto”

Synergy among the encyclical *Laudato Si'*, Rm 8,22 and the poem *The Statutes of Man*: providing a sustainable culture for creation “that groans and suffers as if in the pains of childbirth”

La sinergia entre la encíclica *Laudato Si'*, Rm 8,22 y el poema “Los Estatutos del Hombre”: promoviendo una cultura sostenible para la creación “que gime y sufre como si estuviera con dolores de parto”

Marcelo Pereira Marujo
Pontificia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil
marcelo.orientador@uol.com.br

Waldecir Gonzaga
Pontificia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil
waldecir@hotmail.com

Resumo

Este artigo reúne alternativas socioambientais possíveis para se favorecer a forma de se repensar uma sociedade justa e digna, a partir de uma cultura orientada pelos ensinamentos cristãos. O problema da pesquisa centra-se na ausência de amor e de misericórdia, na forte presença e aumento do egoísmo e da ganância, como causas que colaboram para os problemas socioambientais. A pesquisa tem como objetivo apresentar uma cultura possível de empreender uma vida cristã sustentável. A inspiração centrada na sinergia entre a Carta Encíclica *Laudato Si'* (2015), Rm 8,22: “a criação geme e sofre como que em dores de parto”, e o poema *Os Estatutos do Homem*

(2002), evidencia o sofrimento e, ao mesmo tempo, a esperança, proporcionando um convite à reflexão para com o compromisso de todos por um mundo melhor. Portanto, acredita-se estar se tratando de condicionantes capazes de contribuir para a criação de uma cultura sustentável para se vivenciar a ecologia integral em sua plenitude, com amor e zelo pela “casa comum”.

Palavras-Chave

Sustentabilidade – Casa Comum – *Laudato Si'* – Rm 8,22 – Os Estatutos do Homem

Resumen

Este artículo reúne posibles alternativas socio-ambientales para favorecer la forma de repensar una sociedad justa y digna, basada en una cultura guiada por las enseñanzas cristianas. El problema de la investigación se centra en la ausencia de amor y de misericordia, en la fuerte presencia y aumento de egoísmo y avaricia, como causas que contribuyen a los problemas socio-ambientales. La investigación tiene como objetivo presentar una posible cultura para que se emprenda una vida cristiana sostenible. La inspiración centrada en la sinergia entre la Carta Encíclica *Laudato Si'* (2015), Rm 8,22: “la creación gime y sufre como si estuviera en dolores de parto”, y el poema *Los Estatutos del Hombre* (2002), muestra el sufrimiento y, al mismo tiempo, la esperanza, ofreciendo una invitación para reflexionar sobre el compromiso de todos por un mundo mejor. Por lo tanto, se cree que se trata de condiciones capaces de contribuir a la creación de una cultura sostenible para experimentar la ecología integral en su plenitud, con amor y celo por la “casa común”.

Palabras-Claves

Sostenibilidad – Casa Común – *Laudato Si'* – Rm 8,22 – Los Estatutos del Hombre

Abstract

This article addresses possible socio-environmental alternatives that favor the manner of rethinking a just and dignified society, based on a culture guided by Christian teachings. The research problem focuses on the absence of love and mercy, the strong and growing presence of selfishness and greed, as causes that contribute to socio-environmental problems. The investigation aims to present a culture that can embark on a sustainable Christian life. The inspiration centered on the synergy among the Encyclical *Laudato Si'* (2015), Rom 8,22: “the whole of creation groans and suffers as if in the pains of childbirth”, and the poem *The Statutes of Man* (2002) manifests suffering and, at the same time, hope, inviting us all to reflect on our commitment to a better world. It is about dealing with conditioning factors capable of contributing to the creation of a sustainable culture, in order to live integral ecology in its fullness with love and passion for our “common home”.

Keywords

Sustainability – Common Home – *Laudato Si'* – Rm 8,22 – The Statutes of Man

Introdução

Este artigo visa prestar, humildemente, uma contribuição aos esforços que vêm sendo promovidos em prol da sustentabilidade, por instituições (como a igreja católica, demais igrejas e confissões cristãs, outras religiões, governos, instituições públicas e privadas, organismos da sociedade civil – principalmente ONGs) Governos, instituições públicas e privadas, organismos da sociedade civil – principalmente ONGs) e pessoas de boa vontade. Identificamos, na doutrina cristã, valores fundamentais neste campo, que podem colaborar para uma mudança profunda na cultura das sociedades em que estamos inseridos nos dias de hoje.

Como a referida doutrina cristã é um arcabouço profundo de valores, alicerçado com as contribuições da Revelação de Deus, do Texto Sagrado e de inúmeros pensadores ao longo de dois milênios, optamos por priorizar, para esta nossa tarefa, um recente documento do Papa Francisco: sua Encíclica “*Laudato Si'* - o cuidado com a Casa Comum”¹. Nela, o Papa Francisco exorta os 1,2 bilhões de católicos espalhados pelo mundo inteiro a se unirem à luta contra as mudanças climáticas, e convida todas as pessoas de boa vontade para se engajarem nesta tarefa.

Os motivos de nossa escolha foram: primeiramente, pelo imenso conjunto doutrinário que o Papa expõe, seguindo a Tradição da Igreja Católica, desenvolvida por muitos que o antecederam; sabe-se que tal doutrina encontra-se confirmada e adaptada a uma linguagem do nosso tempo, no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*² (DSI), cuja última publicação foi em 2004 e, portanto, muito atualizada, sendo traduzido para os diversos idiomas a partir de então, como o caso do Brasil, que tem sua publicação em 2005³. Em segundo lugar, a escolha da *Laudato Si'* (LS) se deu pela profunda aceitação da mesma por vários organismos nacionais e internacionais – inclusive pela Organização das Nações Unidas (ONU)⁴, pouco antes da Conferência Mundial do Clima em Paris (a COP-23). Em terceiro lugar, a escolha se deu porque, além da apresentação da

¹ Cf. FRANCISCO, “Carta Encíclica *Laudato Si'*” (24.05.2015), São Paulo 2015.

² Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 2004, em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html (data de consulta 01.04.2020).

³ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, São Paulo, 2005.

⁴ Cf. “ONU elogia encíclica do Papa Francisco sobre mudança climática”, em *ONU – Objetivos de desarrollo sostenible*, em <https://www.un.org/sustainabledevelopment/es/2015/06/la-onu-elogia-la-enciclica-del-papa-francisco-sobre-el-cambio-climatico/> (data de consulta 01.04.2020).

doutrina católica acerca do Criador, da criação e do fundamento último do homem, a encíclica revela uma fundamentação científica muito bem feita, atualizada, e, portanto, capaz de dialogar com quaisquer indagações ou questionamentos nessa área, que, porventura, possam ser efetivados.

E, finalmente, a encíclica contribui com um conceito novo e profundo: a ecologia integral – que consegue reunir, nele, diversas abordagens ecológicas que aparecem em diversas obras esparsas, mas que não dialogam entre si. O conceito “ecologia integral” é capaz, portanto, de reunir, nele, um conjunto de “olhares” que são, todos eles, interessantes e importantes, mas que juntos podem contribuir para uma visão mais ampla, integrada e integradora da realidade em que vivemos – o que, aqui, em nosso trabalho, associamos com o conceito de “sinergia”.

Ao compararmos as denúncias feitas pelo Papa Francisco da iniquidade planetária, com o que o olhar pela realidade antecipadamente nos revela, somos levados a concordar com o texto paulino de Rm 8,22: “Pois sabemos que toda a criação geme e sofre como que em dores de parto até o presente dia”. Entendemos o versículo bíblico como mais do que um lamento ou uma constatação: ele nos *convoca* –como faz o Papa Francisco– a tomarmos uma atitude responsável diante da Criação e, principalmente, do que estamos fazendo com ela!

Assumir *este* posicionamento responsável diante da criação é, igualmente, assumir um *novo postulado* para uma autêntica humanidade: o homem (= ser humano) se tornará, ele também, um ser renovado, profundamente humanizado, ao se integrar à criação –como criatura que é, como todo ser criado– mas ciente de sua *responsabilidade* –como o único ser que é a *imagem* do Criador–, e consciente da tarefa a ser feita, dada a ele pelo

Criador –e tornar-se, assim, *semelhança* do Criador! Nós, portanto, seres humanos, criados à *imagem e semelhança* do Criador (cf. Gn 1,26a), somos chamados a sermos *coadjuvantes* com Ele, assumindo a criação como dom, superando a visão dualista que se instalou ao longo dos séculos, que “coisificou” as criaturas de Deus, tornando-as meras matérias-primas para satisfazer as necessidades e desejos do homem. Este “homem” (= ser humano), que precisa ser assumido por cada um de nós, recebeu de Amadeu Thiago de Mello “artigos” –como em um impositivo de “lei”– poética e artisticamente apresentados em um poema: *Os Estatutos do Homem (Ato Institucional Permanente): a Carlos Heitor Cony*⁵, escrito em Santiago de Chile, abril de 1964.

1. “Guardiães” da criação

Inicialmente faz-se mister registrar que “a terra existe antes de nós e foi-nos dada” (LS 67); logo, precisamos primar pela sua sustentabilidade. Porque lemos em Rm 1,20: “Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência, por suas obras; de modo que não se podem escusar” – a preservação da Criação é dever e responsabilidade de todos nós, indistintamente, cristãos e não cristãos, embora os cristãos, por uma questão de fé, tenhamos uma responsabilidade moral maior, no que diz respeito a Deus e ao próximo, visto que, como diz o Papa Francisco: “O Deus que liberta e salva é o mesmo que criou o universo, e estes dois modos de agir divino estão íntima e inseparavelmente ligados” (LS 73). A salvação da “casa comum” clama pela nossa contribuição, para que promovamos uma sociedade mais sustentável. Como nos

⁵ Cf. T. DE MELLO, *Faz escuro, mas eu canto: porque a manhã vai chegar*, São Paulo 1965²⁴. O poema *Os Estatutos do Homem* encontra-se publicado em muitas editoras, mas a aqui citada, pensamos ser a edição original.

indica Siqueira: “O atual sistema mundial é insustentável, e, no horizonte teológico, a humanidade frustrou a expectativa divina na sua missão de cuidar e ser guardiã dos bens da criação”⁶.

Entretanto, sem dúvida, hoje, a sustentabilidade é uma *questão real*, que impera e precisa cada vez mais se integrar aos ensinamentos da DSI. O que se deseja é contribuir para uma vida cristã sustentável e uma sociedade melhor e próspera. Para tanto, suplicamos: “mostra-me teus caminhos, Senhor, ensina-me tuas veredas” (Sal 25,4)⁷ e “guia-me com tua verdade, ensina-me” (Sal 25,5) a encontrar maneiras de contribuir para o desenvolvimento sustentável da vida, a partir de uma nova cultura. Destarte, os ensinamentos da DSI são fundamentais e capazes de contribuir para a transformação e melhoria contínua da “nossa casa comum” (como o Papa Francisco chama a criação na LS 1). Para Deus, o bem deve imperar e ser compartilhado entre todos: nesta direção, torna-se possível encontrar possibilidades mais coerentes para o desenvolvimento sustentável da sociedade local e global, quiçá começando pelo campo da educação, em nossas escolas e universidades.

Compreende-se que a concepção basilar desta pesquisa está na premissa fundamental de que “o temor de Senhor é princípio de conhecimento” (Pr 1,7)⁸ e que “me delicio com teus estatutos e não me esqueço da tua palavra” (Sal 119,16), condição que passa a ser o fator principal e capaz de favorecer o encontro de novas condicionantes para se viver, planetariamente, os princípios Divinos.

⁶ J. C. DE SIQUEIRA, *Laudato Si: um presente para o planeta*, Rio de Janeiro 2016, 16.

⁷ Para a numeração dos Salmos, seguimos a *Bíblia de Jerusalém*.

⁸ Para a apresentação de Provérbios, seguimos a *Bíblia de Jerusalém*. O “temor do Senhor” na Bíblia (cf. Ex 20,20; Dt 6,2) é, aproximadamente, ao que chamamos de “religião” ou “piedade para com Deus”.

Esta investigação – que se fundamenta na LS e se inspira em Rm 8,22 (“Pois sabemos que toda a criação geme e sofre como que em dores de parto até o presente dia”) e no poema *Os Estatutos do Homem*⁹, integrada com as principais referências sobre a sustentabilidade –em especial, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), expostos no Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD) em 2015¹⁰– vem apresentar o quanto esta inter-relação possui o poder de retroalimentar a busca de novos caminhos, os quais se coadunam com a necessária responsabilidade socioambiental, tanto desejada por todos nós para o mundo atual.

Dessa maneira, acredita-se que o amor a Deus precisa estar em todas as coisas que fazemos e, em especial, que se tenha presente a amplidão da regra de Cristo “amar a Deus e ao próximo como a si mesmo” (Mt 22,34-40; Mc 12,28-34; Lc 10,25-28): ambos os aspectos são parte integrante das condições que a “casa comum” pede para todos nós e, igualmente, são a “força motora” que pode impulsionar os dons do Espírito Santo. Rezamos, confiantes, com o Salmista: “Senhor, ouvi minhas palavras, escutai meus gemidos” (Sal 5,2): a sociedade humana precisa encontrar as forças para seguir com esperança de que teremos dias melhores e de que alcançaremos a solidariedade humana necessária para construirmos um planeta mais fraterno. Neste sentido, no concernente ao amor à vida em geral, os grandes desafios que todos nós enfrentamos hoje devem nos levar a acreditar que, apesar de tudo, é possível encontrar o caminho para um presente de paz e justiça, e, com isso, recuperar a esperança de um futuro mais próspero.

⁹ T. DE MELLO, *Os Estatutos do Homem*, tradução de Pablo Neruda, São Paulo 2002. Existem várias publicações da mesma obra; seguiremos apenas esta, ao longo do artigo.

¹⁰ Cf. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD), *Acompanhando a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável*, Brasília 2015.

Por conseguinte, o poema de Thiago de Mello, *Os Estatutos do Homem* se insere nesta pesquisa como um apoio à DSI com a finalidade de torná-la capaz de interagir com a emergente temática da sustentabilidade, porque “o livro da natureza é uno e indivisível, incluindo, entre outras coisas, o ambiente, a vida, a sexualidade, a família, as relações sociais” (LS 6). Isso se dá, inclusive, por considerar que o poema traz um valor atemporal, logo pertinente e agregador para se fazer uma transição harmônica a partir da trilogia: DSI, sustentabilidade, *Os Estatutos do Homem*.

2. A sustentabilidade e seus alicerces

No concernente à compreensão sobre a expressividade da sustentabilidade e suas dimensões política, social, econômica, ambiental e cultural¹¹, esta pesquisa visa mostrar o quanto a integração das supracitadas fontes objetivam a melhor reflexão para se redesenhar uma sociedade melhor, a partir da DSI e das necessárias proposições institucionalizadas, em nível global, inerentes à sustentabilidade.

A humanidade é capaz de tornar o desenvolvimento sustentável, de garantir que ele atenda às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras atenderem, também, às suas próprias responsabilidades¹². Sem dúvida, isso é o que se espera da sociedade, que, no início do século XXI, vivencia muita tecnologia e inovação, as quais, a cada dia, continuarão se reinventando, numa velocidade jamais pensada antes.

¹¹ “A apresentação das dimensões da sustentabilidade –política, social, econômica, ambiental e cultural– parte da premissa que a economia, o social e o ambiental por si só não evoluem a contento, daí a importância e necessidade da cultura e da política para proverem o desenvolvimento sustentável”. M. PEREIRA MARUJO, *Gestão Sustentável com Pessoas: vantagem competitiva na contemporaneidade*, São Paulo 2019, 15.

¹² Cf. G. H. BRUNDTLAND (org.), *Nosso Futuro Comum. Relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento*, Rio de Janeiro 1991², 9.

A sustentabilidade passa a ser, portanto, um ponto primordial para se desenvolver novas propostas para o empreendimento de alternativas responsáveis e comprometidas com uma cultura integradora, possível de contribuir num *continuum* para a reconstrução de um planeta melhor para todos, sendo ele a nossa “casa comum”.

A sustentabilidade consiste na condição de ser, estar e vivenciar a realidade local e global da forma mais ativa e proativamente possível, a partir da integração, necessária e simultânea, de suas distintas dimensões –política, social, econômica, ambiental e cultural– como condição favorável à compreensão do ambiente em sua completude. Para tanto, serão expostas em termos documentais sobre a sustentabilidade em nível mundial, obras oriundas da ONU e de sua agência, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que servirão de base para a obtenção dos conteúdos e sinalizar as diretivas que suportarão a pesquisa.

Sem sombra de dúvidas, temos boas fontes em algumas importantes obras. Primeiramente, o livro *Nosso Futuro Comum* (NFC – em inglês: *Our Common Future*), de 1991, que retrata, na íntegra, o *Relatório Brundtland*¹³ (RB): este documento foi publicado, inicialmente, em 1987¹⁴. Este Relatório foi elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, e antes da “Agenda 21” (um dos principais resultados da Rio-92)¹⁵. Já na época do Relatório, se reafirmava uma visão crítica do *modelo de desenvolvimento* adotado pelos

¹³ *Ibid.*

¹⁴ Cf. publicação original: BRUNDTLAND COMMISSION REPORT, *Our common future*. Oxford 1987.

¹⁵ Cf. *Relatório Brundtland*, em https://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_Brundtland (data de consulta 01.04.2020).

países desenvolvidos e em desenvolvimento, que não leva em conta a capacidade que os *ecossistemas* têm de suportá-lo.

Este Relatório se tornou a principal referência para as ações políticas globais sobre o tema “sustentabilidade”, juntamente com os “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (ODS), elaborados pelo PNUD em 2015 e reunidos no Documento da ONU: *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*¹⁶. É no supracitado livro organizado por Gro Harlem Brundtland que se encontra a máxima expressão sobre a “sustentabilidade”, onde se cunhou o relevante jargão sobre o tema: “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (NFC 46). E é na obra ODS, que se têm as “metas que são integradas e indivisíveis, globais por natureza e universalmente aplicáveis, levando em conta as diferentes realidades, capacidades e níveis de desenvolvimento nacionais e respeitando as políticas e prioridades nacionais” (PNUD 13).

Ainda em relação à questão socioambiental, é interessante apontar que a maioria das conquistas realizadas, embora tardias, foram provenientes das intensas pressões ambientais pelo mundo e, em especial, das institucionalizações de programas e políticas globais em favor da preservação ambiental e do desenvolvimento social.

Sob outro prisma, tem-se presente o quanto as problemáticas socioambientais estão associadas à ausência de compromissos pessoais e coletivos, ao egoísmo, à ganância e à apatia diante das

¹⁶ Cf. *Objetivos de desenvolvimento sustentável*, en: *Nações Unidas Brasil*, em <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf> (data de consulta 01.04.2020).

intensas situações insustentáveis advindas das pressões do mercado globalizado. Contudo, torna-se necessária uma transformação cultural para lidar com esses problemas e buscar uma cultura capaz de empreender uma vida cristã sustentável. Como nos alerta o Papa Francisco: “os problemas do mundo não se podem analisar nem explicar de forma isolada” (LS, n. 61). Posto isto, espera-se, com a proposta deste nosso trabalho poder contribuir para se reconhecer a magnitude, a premência, a delicadeza e, sobretudo, o desafio dessa tarefa imposta a todos, a saber: a melhoria deste nosso mundo atual, em constantes transformações.

Em consonância com Gonzaga¹⁷, também aqui a “nossa intenção é a de realizar um trabalho a partir de uma visão ecumênica e no respeito ao diálogo interreligioso, oferecendo uma colaboração que possa ajudar no estudo e encontro comum”; além disto, oferecer alternativas e possibilidades capazes de tornar as instituições religiosas mais proativas e, assim, cooperarmos para a promoção de um pensar sustentável capaz de prover um agir com mais responsabilidade socioambiental, envolvendo a todos, ou seja, “leigos, religiosos e clérigos”¹⁸.

Portanto, o que se pretende é contribuir com o desenvolvimento de uma cultura capaz de favorecer a forma de se repensar, a fim de poder agir de maneira mais responsável e sustentável para com o ambiente integral, que tanto sofre com a progressiva e incontrolável crise socioambiental¹⁹. Assim,

¹⁷ Cf. W. GONZAGA, *Compêndio do Cânon Bíblico: Listas Bilingues dos Catálogos Bíblicos: Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos*, Petrópolis – Rio de Janeiro 2019, 13.

¹⁸ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, “Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*”, capítulo IV, próêmio.

¹⁹ Cf. W. GONZAGA, *Anais do VII Congresso da ANPTECRE, PUC-Rio*, de 17 a 20 de setembro de 2019: Apresentação, 5-11, em <http://www.eventospucRio.teo.br/files/publicacao%20anais%20-%20completo.pdf>. (data de consulta 01.04.2020).

espera-se oferecer uma colaboração para se tentar reverter essas situações indesejáveis e incontroláveis, de tal modo que as gerações presente e futuras sejam, efetivamente, beneficiadas.

3. Construindo sinergia

Partimos, inicialmente, nesta seção, do conceito de sinergia – visto que nossa proposta é demonstrar a conexão entre a LS, Rm 8,22 e o poema *Os Estatutos do Homem*. Em uma breve pesquisa em Dicionário, encontramos esses significados:

ação simultânea; esforço coletivo; cooperação. [...] Esforço coletivo e solidário, que busca um melhor resultado do que aqueles obtidos individualmente. Busca de objetivos comuns através da união simultânea dos membros de um grupo; trabalho cooperativo [...] ²⁰.

Inicialmente, cabe registrar que se tem perfeito entendimento sobre o quanto é ousado associar os ensinamentos cristãos com a emergente temática contemporânea da sustentabilidade. Entende-se o quanto se trata de um desafio, por relacionar uma responsabilidade comum de todos para se promover uma sociedade melhor.

Espera-se que, neste nosso trabalho, a sinergia entre a LS, Rm 8,22 e o poema *Os Estatutos do Homem* (EH), venha, principalmente, “instruir sobre o caminho a seguir” (Sal 24,12) e suscitar a capacidade de se promover uma celebração universal da vida e da possibilidade do homem de construir um mundo melhor. Os quatorze artigos do supracitado poema são, de fato, os instrumentos que trarão suavidade à nossa reflexão e estarão permeando todas as composições entre os ensinamentos

²⁰ “Sinergia”, em *Dicio: Dicionário online de Português*, em <https://www.dicio.com.br/sinergia/> (data de consulta 01.04.2020).

cristãos e a sustentabilidade, possivelmente, fazendo a conexão delicada e ajustada entre as complexas e suscetíveis temáticas histórica e contemporânea desta última.

Como nos alerta o Papa Francisco, “um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus” (LS 8). A destruição do meio ambiente deve ser entendida como a verdadeira autodestruição do próprio ser humano, por sermos parte ativa e proativa deste ambiente global, que está, progressivamente, sendo degradado e, certamente, destruindo-nos diuturnamente.

Talvez seja o economista Ignacy Sachs quem melhor tenha sinalizado a relação da sustentabilidade com os ensinamentos cristãos à luz da *Laudato Si'*, quando coloca que “a sustentabilidade se constitui em um dos fundamentos mais suscetíveis do novo paradigma da nossa civilização”²¹, que procura harmonizar o ser humano e o desenvolvimento da Terra como espaço de sobrevivência humana.

Por certo, são as incrementações das relações humanas na sua efetividade que contribuirão para tornar a sociedade contemporânea mais compromissada com uma cultura humana socioambiental factível de se respeitar, para se vivenciar com mais propriedade uma ecologia integral – como o Papa Francisco expõe na LS e como ele mesmo resumiu, no encontro Internacional “A Doutrina Social da Igreja: das raízes à era digital”:

O compromisso para superar problemas como fome e insegurança alimentar, persistente desconforto social e econômico, degradação do ecossistema e “cultura do desperdício”, requer uma renovada *visão ética (grifo nosso)*,

²¹ I. SACHS, *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*, Rio de Janeiro 2002, 37.

que saiba colocar no centro as pessoas, com o objetivo de não deixar ninguém à margem da vida. Uma visão que una em vez de dividir, que inclua ao invés de excluir...²².

Para se construir esta inter-relação, metodologicamente as pesquisas bibliográficas documentais²³ e a análise de conteúdo²⁴ propiciaram suporte para associar os ensinamentos com a LS e com o poema, de maneira a criar condições para se refletir sobre as teorias da sustentabilidade e suas dimensões – não necessariamente nesta ordem.

A escolha da ordenação do poema, diferentemente dos ODS, foi pensada *estrategicamente*, sem a preocupação de uma relação morfológica para com suas possíveis associações: enfatizamos a importância dos opostos, buscando-se, assim, priorizar uma composição mais complexa, crítica e inventiva, justo pelo fato de trabalharmos com temáticas complexas e com características específicas.

É na busca da *cultura orientada pela sustentabilidade* – por uma cultura sustentável – que apostamos para repensar uma vida cristã fundamentada nessa mesma perspectiva, onde o compromisso com uma nova ecologia integral possibilitará o desenvolvimento sustentável da nossa “casa comum”.

Portanto, elencamos as seguintes expressões: Sustentabilidade Política Cristã, Sustentabilidade Social Cristã, Sustentabilidade Econômica Cristã, Sustentabilidade

²² “Papa: desenvolvimento de uma ecologia integral, chamado e dever”, em *Vatican News*, <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-06/papa-francisco-ecologia-integral-chamado-dever-laudato-si.html> (data de consulta 01.07.2019).

²³ Cf. S. C. VERGARA, *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2015⁶, p. 34.

²⁴ Cf. L. BARDIN, *Análise de conteúdo*, São Paulo 2011, 56.

Ambiental Cristã e Sustentabilidade Cultural Cristã – que serão concretizadas como as mais representativas e capazes de caracterizar as dimensões da sustentabilidade para com os ensinamentos da (DSI). Pensamos que é desta forma que vislumbraremos a composição de subsídios para construir uma cultura sustentável, possível de favorecer o empreendimento de uma cultura cristã sustentável, oferecendo a nossa parcela de colaboração para se encontrar possíveis saídas para a crise socioambiental em que nos encontramos mergulhados neste momento histórico.

4. Sustentabilidade Política Cristã

A “sustentabilidade política cristã” visa mostrar o quanto a questão política é necessária e se converte em fator preponderante para o empreendimento de uma vida socioambiental mais prospectiva – principalmente numa sociedade em que acredita no projeto do Reino de Deus, pois Ele é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). É justamente a política, enquanto dimensão, a área mais estratégica e empreendedora para a promoção do bem, da justiça e de uma cultura da sustentabilidade.

Em âmbito mundial, são as políticas fundamentadas na sustentabilidade, institucionalizadas pela ONU e pelas suas Agências, que tanto impulsionam e redirecionam todos os movimentos em prol de um mundo melhor, com dignidade, equidade e justiça para todos.

Os ODS, em seu Objetivo 2, definem: “Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável” (PNUD, p. 41). Este objetivo, triste herança dos “Objetivos do Desenvolvimento do

Milênio”²⁵ (ODM - Objetivo 1), é a maior inquietação da ONU e de seus países membros e, porquanto, se depara com a ausência de políticas eficazes e eficientes, assim se revertendo em preocupantes causas das problemáticas socioambientais. Então, somente um poema –como o EH– nos alerta sobre a vida, neste momento de tanta transformação no mundo: “Fica decretado que agora vale a verdade. Agora vale a vida, e que de mãos dadas, trabalharemos todos pela vida verdadeira” (Artigo I).

A verdade e a vida precisam estar pautadas no amor, porque somente o amor é capaz de dar significância à vida verdadeira, até porque “a verdade de Deus brilha ainda mais para sua glória” (Rm 3,7). Somente com a verdade se encontra o caminho da vida plena. Como afirma o Papa Francisco: “Na verdade, toda a sã espiritualidade implica simultaneamente acolher o amor divino e adorar, com confiança, o Senhor pelo seu poder infinito” (LS 72). É nesta verdadeira vida que deve pautar a busca de proposições que minimizem a miséria e a fome no mundo –primeiro espiritual e, depois, alimentar, social, cultural– pelo fato da fome representar uma das fontes ocasionadoras de desequilíbrios socioambientais.

Os ODS, em seu Objetivo 9, definem: “Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação” (PNUD, p. 148). A resiliência está associada à nossa fé, pois o trabalho que dignifica o homem carece da criação de políticas –de Estado, e não de Governo– e meios específicos para o desenvolvimento industrial e de atividades que integrem a inovação como aliada indispensável para o desenvolvimento e sua sustentabilidade.

²⁵ Em setembro de 2000, os líderes mundiais se reuniram na sede das Nações Unidas para adotar a *Declaração do Milênio* da ONU. A meta número 1 era uma das mais difíceis de alcançar: acabar com a pobreza em todas as formas, em todo o mundo [nota do autor].

A expansão das infraestruturas precisa estar bem alicerçada com base sólida para a sua contínua desenvoltura, tanto para curto quanto para médio e longo prazos. Segundo o poema EH: “Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo” (Artigo II). Ademais, é necessário pensar de maneira humanizadora no presente para que o futuro seja, também, humanizado. Os dias “mais opacos” são, também, de trabalho e de glória e são os que poderão nos surpreender e sinalizar o futuro, com inovação e infraestruturas sustentáveis. A nossa inspiração é a fonte para a produção inovadora da “cor” desejada para o seu embelezamento, porque, muitas vezes, as “crises” socioambientais não escolhem nem dia e nem hora, e precisamos estar sempre preparados para interagir e revertê-las em oportunidades.

Os ODS, em seu Objetivo 11, definem: “Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis” (PNUD, p. 172). São condições preocupantes –até mesmo enquanto objetivo–, por ampliar bastante o conceito de *lugar e moradia*, de forma muito diversificada. Ao mesmo tempo, mostra certa aceitação por situações tão opostas –como o caso dos assentamentos–, o que não deixam de ser uma realidade e que vêm crescendo em todas as direções. Neste sentido, a obra EH afirma que:

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança (Artigo III).

A luz é a principal fonte divina – inclusive como imagem Bíblica, que coloca o Evangelho como luz para o mundo

(cf. 2 Cor 4,4-6). A abertura dos nossos corações para viver intensamente a natureza deve passar a ser um motivo de glória a Deus, porque essa simbiose –homem e natureza– precisa se tornar uma aliada primaz para a preservação socioambiental.

Os ODS, em seu Objetivo 16, definem: “Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis” (PNUD, p. 235). Na modernidade, mediada pela tecnologia, informação e inovação, a promoção de sociedades pacíficas está quase que impossível até de se imaginar; entretanto, é uma tentativa importante e necessária, em um mundo que tanto se privilegia o ter, e não o ser.

Os ODS, em seu Objetivo 17, definem: “Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável” (PNUD, p. 17). As implementações e consequentes efetivações das políticas têm caráter transversal – ou seja: por si só, revitalizam as relações porque abrem “janelas” para um novo mundo de esperança sustentável.

No que concerne às políticas, “diante de Deus não são justos os que ouvem as leis, mas serão tidos por justos os que praticam a lei” (Rm 2,13), condições importantes para se prever políticas e fator determinante para a sustentabilidade política. Pois, “felizes os íntegros em seu caminho, os que andam conforme a lei” (Sal 119,1), exatamente por ser, nas leis, que se espera encontrar “[...] a regra da ciência e da verdade” (Rm 2,20), tão essencial para a elaboração de ações e/ou atividades que privilegiarão o equilíbrio político e social.

Quando o amor, a justiça e a verdade forem a base propulsora para se promover a política, independentemente das mais variadas convicções e ideologias, certamente, estaremos no caminho da sustentabilidade política cristã. Por consequência, enquanto instituição religiosa, esta condição precisa passar a ser causa capaz de favorecer o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida das gerações, presente e futuras.

5. Sustentabilidade Social Cristã

A sustentabilidade social cristã tem o intuito de mostrar a questão social como fonte de poder para o desenvolvimento sustentável dos contextos cotidianos – tanto de cunho pessoal, quanto social, profissional e institucional. Logo, a sustentabilidade social cristã é indispensável para todo o redimensionamento da vida humana em sociedade, “porque, diante de Deus, não há distinção de pessoas” (Rm 2,11) e nem de contextos sociais e institucionais.

Segundo o Papa Francisco: “no que diz respeito às questões sociais, pode-se constatar isto mesmo no desenvolvimento da doutrina social da Igreja, chamada a enriquecer-se cada vez mais a partir dos novos desafios” (LS 63). O social tem essência nucleadora: é uma dimensão que favorece a evolução do ser humano em sua integralidade e, em geral, é o espaço das causas, efeitos e fatos que dão dignidade à vida humana e social.

Os ODS, em seu Objetivo 1, fica, assim, definido: “Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares” (PNUD, p. 27). A pobreza é o maior problema no mundo, e precisa, como o meio ambiente, ser objeto de políticas internacionais mais progressivas na direção de reduzi-la, quiçá exterminá-la. Aqui, colocamos igualmente o valor da presença de Deus em

nossas vidas, pois Ele é a fonte e a origem da vida. Esta vida deve ser vivida como serviço aos irmãos, especialmente aos mais esquecidos e marginalizados. Logo, se somos “a sua imagem e semelhança” (cf. Gn 1,26), precisamos trilhar caminhos que combatam a fome em todas as suas formas e níveis. Então, o poema EH, novamente, vem em nosso auxílio ao afirmar que:

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu. Parágrafo Único: O homem confiará no homem como um menino confia em outro menino (Artigo IV).

Mas, infelizmente na atualidade, tanto em âmbito local quanto em âmbito global, a falta de confiança em ações sociais mais justas denota que o homem, de modo geral, não deseja que o seu próximo alcance o mesmo bem-estar e condição social que deseja para si mesmo – isto é um instinto cruel, bem associado à política moderna do capital a todo custo. Não se consegue mais perceber que somos seres sociais e poucos sociáveis. Paulo defende que tudo o que fazemos conta para a salvação (cf. Rm 10, 1). Cristo afirmou o valor do serviço aos outros: “Assim como o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por uma multidão” (Mt 20,28), sendo isso um grande desafio para todos nós.

Os ODS, em seu Objetivo 10, definem: “Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles” (PNUD, p. 161). A diminuição de situações extremas de cunho social, geradoras das desigualdades e destruições, é o que mais revolta as comunidades, isto não somente no Brasil, mas também em todo mundo. Neste sentido, no ilustra o texto do poema EH:

Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa (Artigo V).

No contexto social, a fome de justiça pela igualdade deve se converter na vontade comum de todos: ainda hoje, o grande desafio –“amar o teu próximo como a ti mesmo” (cf. Mt 22,37-39)– deve passar a ser uma circunstância indispensável para se vivenciar o social com mais sutileza, dignidade e desejo pela melhoria de vida do outro, ou seja, viver o amor também no próximo.

No poema EH, lemos que: “Fica estabelecida, durante dez séculos, a prática sonhada pelo profeta Isaías, e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora” (Artigo VI). A ideia aqui percebida é a do compartilhamento e da caridade que, por si só, obstaculizam o planejamento e o desempenho dos projetos e programas sociais: o social precisa ser objeto de projetos sustentáveis e não somente de caridade. Os projetos sustentáveis são condição digna para se conseguir atividades laborais para todos e, da mesma forma, para manter as pessoas com todos os direitos garantidos para a subsistência da vida humana.

Pode-se observar que a sustentabilidade social se refere a um conjunto de medidas estabelecidas para a promoção do necessário equilíbrio e bem-estar da população e de suas sociedades. Tais proposições carecem de ser realizadas por meio de iniciativas que contribuam com a desenvoltura de todos os cidadãos – muitos dos quais enfrentam, diuturnamente, condições desfavoráveis em sua luta pela sobrevivência.

Por tudo isso, a justiça e o amor devem se tornar grandes instrumentos para se combater a pobreza e a desigualdade. Tal desigualdade é ocasionada, muitas vezes, pelas pobreza: cultural, social, material e, inclusive espiritual. Todos estes tipos de pobreza são grandes geradores de desequilíbrio socioambiental, com suas enormes misérias humanas e ambientais: somente com amor e misericórdia a Igreja alcançará a sustentabilidade social cristã, a qual depende ser compreendida como caminho para a busca da educação, da cultura e do trabalho – fatores que dignificam a pessoa humana e propiciam o resgate do amor próprio e do reconhecimento social.

6. Sustentabilidade Econômica Cristã

A sustentabilidade econômica cristã objetiva proporcionar uma economia estrategicamente planejada – um fator imprescindível para o desenvolvimento. A capacidade de equalização das economias e das finanças passa a ser variável crucial para se repensar o progresso e sua contínua performance. Sabe-se que a economia é a ciência que trabalha com os processos de produção, distribuição, acumulação e consumo de todos os bens materiais e, por conseguinte, é por seu intermédio que as sociedades conseguem obter as melhores informações para se tomar as melhores decisões no mercado global.

Sob outra dimensão, os ODS, em seu Objetivo 7, definem “assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos” (PNUD, p. 120). Este objetivo evidencia que a energia é fonte de abastecimento de todos os sistemas produtivos, do qual todas as sociedades são dependentes: este é o motivo para se tornar a mais estratégica condição para o desenvolvimento sustentável. A energia também precisa ser de qualidade, com tecnologia que possibilite sua melhor distribuição

e manutenção e, sem dúvida, com o preço mais adequado para cada usuário, diante de suas condições econômicas.

Os ODS, em seu Objetivo 8, determinam: “Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos” (PNUD, p. 130). Esta é uma conjuntura que agrega muito valor à vida, principalmente por propiciar sua manutenção com dignidade. Por isso que a economia se constitui em necessária conexão entre os setores público, privado e terceiro setor, para atuar no controle e regularização dos fluxos dos investimentos e compatibilidade entre os padrões de produção e consumo. Nesta visão, a sustentação, a inclusão e a sustentabilidade no mercado de trabalho promovem novos postos de trabalho, o que contribui para o pleno emprego e favorece uma condição digna e decente para os trabalhadores. Não temos dúvidas de que o ser humano vê o trabalho como fonte de seu sustento, de sua dignidade humana e de reconhecimento social.

O poema EH afirma que: “Por decreto irrevogável, fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo” (Artigo VII). “Deus fez-me justiça” (cf. Gn 30,6): diz Raquel, esposa de Jacó, ao conceber um filho – o projeto de Justiça de Deus deve prevalecer, destruindo todas as injustiças que destroem a vida humana e criam mais crises socioambientais.

A economia, por si só, possui a sua complexidade; todavia, políticas mais sólidas de médio e longo prazos, conjugadas com ações de curto prazo, precisam ser propostas continuamente e apresentadas em detalhes, com a intenção de se tornarem transparentes e, conseqüentemente, melhor conhecidas pelo povo em geral e colocadas em prática pelos governantes.

Os ODS, em seu Objetivo 12, afirmam que é preciso “assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis” (PNUD, p. 221). Para a obtenção desses padrões, entende-se que a construção de planos e programas econômicos no mundo moderno mostram a responsabilidade das equipes econômicas para com a desenvoltura de todo sistema econômico e suas especificidades. O sistema econômico local está, cada vez mais, dependente do sistema econômico global, extremamente orgânico e dinâmico – isto deve ser útil para se repensar, continuamente, o sistema econômico local.

O poema EH define que: “Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor” (Artigo VIII). Muito divergente, em princípio, a relação do amor com a economia; no entanto, é bastante pertinente observar todas as interações que possuem o amor como eixo condutor. Como afirma o Papa Francisco: “O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor” (LS 231).

O poema EH estipula que: “Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu suor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura” (Artigo IX). O evangelista Lucas nos relata a profecia do sacerdote Zacarias: “graças à ternura e misericórdia de nosso Deus, que nos vai trazer do alto a visita do Sol nascente” (1,78). A misericórdia é o sentimento que une dor e solidariedade para com o outro, fator que demonstra a capacidade de servir “sem olhar a quem” e, assim, encontrar a graça, luz e ternura no outro. Portanto, conviver num ambiente econômico mais inclusivo e equilibrado é o que torna a sociedade mais próspera.

A economia é determinante para o empreendimento das políticas locais e globais, mas devemos prever para prover uma economia sustentável. Faz-se necessário pensar o sistema enquanto nação – condicionante imprescindível para o seu crescimento sustentado e sustentável. A sustentabilidade econômica cristã precisa fazer com que a Igreja possibilite que sua comunidade entenda as referidas questões e que se converta em aliada necessária para se alcançar metas individuais, coletivas, sociais, profissionais e institucionais.

7. Sustentabilidade Ambiental Cristã

A sustentabilidade ambiental cristã tem a intenção de evidenciar o conceito de “ambiente integral” de nossa “casa comum”, onde cada ser humano é parte ativa deste ambiente – condição que o torna mais responsável para lidar cuidadosamente com o ambiente local e global. Assim, compreendemos que “o pensar global para agir localmente” (NFC, p. 28) torna-se uma necessidade para o desenvolvimento sustentável. Este pensar deve ser constituído como um “estado de espírito” – ou seja, uma causa compromissada com um pensamento globalizante, possível de reorientar continuamente a nossa maneira de pensar para agir nesse mesmo caminho.

Segundo o Papa Francisco: “se reconhecemos o valor e a fragilidade da natureza e, ao mesmo tempo, as capacidades que o Criador nos deu, isto permite-nos acabar hoje com o mito moderno do progresso material ilimitado” (LS 78). Pois, o fator ambiental, extraordinariamente, é norteador e globalizante; possui a potencialidade para empreender uma integração dimensional, de maneira a formar contextos mais orgânicos, cooperativos e corresponsáveis, propiciando desenvolvimento e condição de sobrevivência para a espécie humana e o planeta.

Nessa mesma perspectiva, os ODS, em seu Objetivo 6, identificam que é preciso “assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos” (PNUD, p. 107), sendo uma proposição necessária para o desenvolvimento. Aliás, o Papa Francisco defende que “a água potável e limpa constitui uma questão de primordial importância, porque é indispensável para a vida humana e para sustentar os ecossistemas terrestres e aquáticos” (LS 28). Certamente, a água é o solvente da humanidade, é imprescindível à vida, inclusive usadas para se dar bênçãos. A água é elemento fundamental, biológica e espiritualmente, e a garantia de sua disponibilidade para todos torna-se uma condição vital para a humanidade.

Os ODS, em seu Objetivo 17, afirmam que é preciso “tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos” (PNUD, p. 201). A necessidade de se promover ações ambientais precisa ser antecedida de muita reflexão sobre a essência do próprio ser humano e a sua vida no planeta. A esse respeito, afirma o Papa Francisco:

A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam (LS 23).

O combate às mudanças climáticas deve ser direcionado ao consumo, o qual vem determinado pelo estilo de vida capitalista da população. O consumo desenfreado vem demandando uma produção cada vez maior de produtos, que, infelizmente, pouco privilegia políticas austeras – como a de “Redução, Reutilização e Reciclagem” (conhecida como “3R”). Segundo a LS: “o mundo do consumo exacerbado é, simultaneamente, o mundo que maltrata a vida em todas as suas formas” (LS 230).

Então, o poema EH determina que: “Fica permitido a qualquer pessoa, a qualquer hora da vida, o uso do traje branco” (Artigo X). “(...) Como se tornou completamente branco, é puro” (Lv 13,13 – no episódio da cura da lepra). Espera-se que esta “brancura” e “pureza” venham a ser sinônimo de “clareza”, “transparência”, “honestidade” e “justiça” – valores fundamentais para conseguirmos lidar com situações ambientais obscuras e políticas insustentáveis, tanto em relação à sua mitigação e fiscalização, quanto para com limitados programas e políticas sustentáveis.

Os ODS, em seu Objetivo 14, afirmam que é preciso “conservar e utilizar de forma sustentável os oceanos, os mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável” (PNUD, p. 209). Historicamente, o mar tem uma expressão divina e colonizadora; porém, precisamos repensar um sistema de governança global que contribua para o empreendimento de políticas e ações mais responsáveis globalmente.

É nesse foco que a ONU e suas agências vêm promovendo, com seus países membros, vários encontros mundiais –como, por exemplo, ECO 92, RIO + 10, RIO + 20, COPs– no intuito de sensibilizá-los, progressivamente, para com suas responsabilidades e compromissos com o ambiente global (o que, de fato, é responsabilidade de todos). No entanto, como afirma o Papa Francisco: “os princípios enunciados continuam a requerer caminhos eficazes e ágeis de realização prática” (LS 167) – o que está longe de ser uma realidade em todos os países do mundo, principalmente, nos países do Sul.

O poema EH define que: “Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã” (Artigo XI). Percebe-se que a

beleza integral é fundamental e, para mantê-la, é indispensável que as manhãs sejam sempre revigorantes: é em razão desse vigor que se pretende viver melhor a cada dia. Para se alcançar certo padrão de vida, faz-se necessário contar com ações individuais e coletivas nos variados níveis de governo, isto pela necessidade de cooperação para se atingir uma governança de forma mais eficaz, eficiente e efetiva e, assim, construindo um planeta mais equilibrado e sustentável.

Os ODS, em seu Objetivo 15, afirmam que é preciso “proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade” (PNUD, p. 221). A compreensão que o mundo moderno tem sobre a terra, enquanto capital, e como *commodity* capaz de favorecer sua condição política e econômica, indubitavelmente, deteriora bastante todas as formas de proteção, preservação e promoção de sua utilização, sustentavelmente. Neste sentido, o poema EH define:

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido. Tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela. Parágrafo único: Só uma coisa fica proibida: amar sem amor (Artigo XII).

Indubitavelmente, o amor é a base para a vida, e amar a vida nos proporciona ter e empreender ações, bem como tomar decisões que sustentem uma vida em Deus, para Deus e para todos os filhos e filhas de Deus. Somente com esta convicção é que poderemos colaborar para a transformação das pessoas, do seu pensar e do seu agir, para que a vida dos ecossistemas terrestres, das florestas, dos desertos –que são sumamente importantes–,

potencialize-se a partir de suas diversidades e, assim, colaborem para as substanciais transformações de que o mundo urge.

Portanto, ao se tratar da sustentabilidade ambiental, não se deve mais pensar a natureza enquanto produto precificado, mas atentar para sua preservação e conservação. É o “Espírito mesmo que dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus” (Rm 8,16) e, dessa maneira, a submissão ao projeto de vida de Deus para todos precisa ser mantida e praticada, para se perseverar no caminho do bem.

Quando o ser humano compreender que ele próprio é parte ativa e proativa do ambiente global –“estamos incluídos nela, somos parte dela” (LS 139)–, possivelmente, passará a respeitar e tratar melhor o meio ambiente, a nossa “casa comum”, com mais amor e carinho, pela sua incomensurável fonte de alimentação e renovação da vida. A sustentabilidade ambiental cristã carece de promover uma profunda sensibilização para a consequente conscientização sobre o meio ambiente em todos os níveis sociais, para se empreender, de forma inovadora, ações e atividades que colaborem para o desenvolvimento sustentável.

8. Sustentabilidade Cultural Cristã

A sustentabilidade cultural cristã pretende evidenciar que a cultura é essencial para o desenvolvimento do ser humano e das sociedades: desde os primórdios da humanidade, a cultura vem sendo constatada como fonte determinante para o desenvolvimento. Segundo a LS: “muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar” (LS 202) – e essa mudança deverá acontecer através de uma nova cultura, ou seja, de uma cultura renovada, segundo os parâmetros socioambientais.

Nesse contexto, a cultura incorpora a educação em todas as suas tipologias –formal, não formal e informal– e passa a ser um diferencial relevante para se pensar e impulsionar o compromisso com o socioambiental de forma mais sustentável. Inclusive o Papa Francisco afirma que toda a mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo; por isso, ele propõe algumas linhas de maturação humana, inspiradas no tesouro da experiência espiritual cristã (cf. LS15), como fonte para uma nova orientação cultural capaz de favorecer a promoção da sustentabilidade.

Os ODS, em seu Objetivo 3, afirmam que é preciso “assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades” (PNUD, p. 52). Uma vida de saúde em Deus exige que a cultura cristã se desenvolva e, para isso, é importante que se esteja no Espírito de Cristo, como atesta São Paulo Apóstolo: “Vós, porém, não viveis segundo a carne, mas segundo o Espírito, se realmente o Espírito de Deus habita em vós. Se alguém não possui o Espírito de Cristo, este não é dele” (Rm 8,9), porque “todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14). E como filhos e filhas de Deus precisamos fazer com que o seu projeto prevaleça, cuidando da “casa comum” para o bem de todos.

Sendo assim, o bem-estar na sociedade do conhecimento tem que ser para todos, em todas as faixas etárias e em seus diferentes níveis sociais e culturais, o que passa a ser uma luta intensa e incansável diante de tantas diferenças. Isto posto, vislumbra-se um “olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade” (LS 111) empreendedora, capaz de desenvolver uma cultura que possa atender às demandas e necessidades atuais. Neste sentido, o poema EH define:

Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou (Artigo XIII).

Uma grande riqueza é poder vivenciar todas as manhãs como se fosse a última – porém, com a certeza do progredir do amanhã, fruto das ações e esforços de hoje, por serem ainda mais produtivas, agradáveis e abençoadas. Então, bendita seja a nossa capacidade de recomeçar todas as manhãs de forma diferente e melhor, cuidando cada vez mais da “casa comum”.

Pode-se perceber que o cultural, não divergente das demais dimensões, tem a propriedade para fazer com que o núcleo –essência orientadora– se desenvolva a partir de um pensar e agir, subsidiados por questões mais responsáveis e compromissadas com todos os acontecimentos na sociedade atual. De fato, um considerável desafio da humanidade está em mudar a sua atual cultura: atualmente, a humanidade ainda não conseguiu compreender que a preservação de seu padrão de vida e manutenção do desenvolvimento tecnológico são condições cruciais para se encontrar inovadoras alternativas para a proteção do ambiente globalizado.

Os ODS, em seu Objetivo 4, afirmam que é necessário “assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (PNUD, p. 72). Este é um compromisso, fruto dos “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio” (ODM), que ficou longe do alcance das metas propostas! Ele é um dos mais eloquentes compromissos para com o desenvolvimento sustentável, por se tratar da base para a desenvoltura de qualquer sociedade: a educação; e esta educação –principalmente em

prol da ética socioambiental– deve ser feita através de todos os âmbitos possíveis e durar a vida toda, mas começando o mais cedo possível:

Vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida (LS 213).

A educação, enquanto cultura, e vice-versa, é um passaporte para se vencer a pobreza; mas, para tal, essa educação, para ser verdadeira, necessita ser inclusiva e de qualidade para todos. Infelizmente, não é isto que constatamos: a educação de qualidade ainda é para poucos, estragando o sonho de Deus, de vida plena e digna para todos.

Os ODS, em seu Objetivo 5, dizem que é necessário “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (PNUD, p. 91). Nos dias atuais, a evolução do significado e das denominações sobre “gênero” vêm se expandindo, assim como as lutas em busca de uma maior equiparação, entre homens e mulheres, nos campos do acesso à política, das atividades laboriosas (antes somente masculinas) e de salários para as mesmas funções. Apesar de, no Brasil, a maioria da população ser composta de mulheres, elas continuam sendo minoria, no que concerne à ocupação dos cargos de chefia, direção e gerência, na maioria dos postos de trabalhos. Neste sentido, o poema EH define:

Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração do homem (Artigo XIII).

O poema defende, com veemência, que, da sua “promulgação” em diante, todo homem deverá ser livre; também a Bíblia Sagrada estipula liberdade para todos os habitantes da Terra Prometida, quando estabelece o Ano do Jubileu: “Santificareis o quinquagésimo ano e publicareis a liberdade na terra para todos os seus habitantes. Será o vosso jubileu. Voltareis cada um para as suas terras e para a sua família” (Lv 25,10). Portanto, esta liberdade para todos se converterá em uma realização da vontade divina, na busca do ser humano integral. Segundo a LS: “além disso, quando o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade” (LS 92); logo, que esta seja a condição que favoreça a contínua evolução humana e sua plena liberdade.

Compete à política e às várias associações, um esforço de formação das consciências da população. Naturalmente, compete também à Igreja. Todas as comunidades cristãs têm um papel importante a desempenhar nesta educação (LS 214).

Nesta ótica, “é preciso que o mundo crie logo estratégias que permitam às nações substituir seus atuais processos de crescimento, frequentemente destrutivos, pelo desenvolvimento sustentável” (NFC, p. 52). Portanto, a liberdade humana deve contribuir para a contenção do desenvolvimento descompromissado com o próprio ser humano e o planeta, nossa “casa comum”.

Dessa maneira, o Papa Francisco entende que “trata-se de abrir caminho a oportunidades diferentes, que não implicam frear a criatividade humana nem o seu sonho de progresso, mas orientar esta energia por novos canais” (LS 191). Pois, somente com criatividade, inventividade e criticidade conseguiremos maiores reflexões para se reconstruir sociedades mais prósperas.

A cultura, no sentido *lato*, compreendida como base necessária para o desenvolvimento da educação, passa a ser fonte inspiradora para as reflexões de todas as dimensões sociais, visto ser fonte motriz para a desenvoltura socioambiental. A sustentabilidade cultural cristã deve prever ações, a fim de prover atividades mais responsáveis e comprometidas com os mais distintos contextos culturais, mas não dissociadas do pensamento e conexão global e suas tendências, na tentativa de superar a crise socioambiental em que nos encontramos, trabalhando arduamente para que todos tenham vida digna e justa.

Conclusão

Esta pesquisa intentou compreender a sinergia existente entre a LS, Rm 8,22 e o poema EH, integrando a sustentabilidade e suas dimensões. Esta sinergia deve se transformar em base capaz de suscitar a responsabilidade e o comprometimento de todos, para se repensar a nossa “casa comum” – expressão usada pelo Papa Francisco em sua referida encíclica LS.

A dor e o sofrimento causados pela crise socioambiental são tão reais como a nossa própria existência humana, e esta crise nos move para encontrar alternativas –mesmo que começando por pequenas e parciais– para tratar de um problema que está aumentando a cada momento e problematizando a saúde do planeta, nossa “casa comum”.

Não temos dúvidas em defender que ações no campo da sustentabilidade política, social, econômica, ambiental e cultural, exercidas por parte de todos, contribuirão para o empreendimento de uma cultura sustentável provedora de responsabilidade socioambiental. Dessa forma, a Igreja pode trabalhar melhor a sustentabilidade, em especial, por se tratar

de uma questão fundamental para a sobrevivência humana, da qual ela é guardiã, por vocação e missão.

É preciso tomar, como base, os valores e as virtudes da grande bimilenar tradição cristã – como o amor, a misericórdia, a fé, a solidariedade, a esperança, etc. Devemos transformá-los em fontes sólidas, para que os ensinamentos cristãos passem a promover a interação com as diversas situações dos desequilíbrios do comportamento humano. Neste sentido, cabe destacar o *aspecto sócio-político-econômico*, o qual tem impactado negativamente e causado angústias: é necessário encontrar um maior equilíbrio socioambiental. A obstinação pelo desenvolvimento econômico a qualquer custo retrata a falta de compreensão quanto aos limites do meio ambiente e evidencia o quanto o sistema capitalista precisa encontrar um novo modelo econômico que privilegie, necessária e simultaneamente, as demais dimensões da sustentabilidade. Nesta perspectiva, ratifica-se que a sustentabilidade, a partir de suas distintas dimensões –política, social, econômica, ambiental e cultural– se converte em uma unidade estratégica e, conseqüentemente, em um imperativo para se repensar e vivenciar a sociedade global.

Em vista disso, corrobora-se que a sustentabilidade é um compromisso comportamental que precisa ser assumido em todos os campos, momentos e situações da vida cotidiana, como atitude indispensável para conviver em um mundo de tantas possibilidades futuras, mas que precisam ser trabalhadas desde já de forma mais assertiva. Como afirma o *Relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento*: “satisfazer as necessidades e as aspirações humanas é o principal objetivo do desenvolvimento” (NFC, p. 46).

O que se busca é uma cultura factível que propicie um repensar a vida mais associada com as questões socioambientais. Com a nossa capacidade de mobilização e com uma vivência mais sustentável, poderemos colaborar para despertar a consciência de cidadãos melhores para o mundo.

Diante do exposto e segundo o afirmado pelo Papa Francisco, é que se defende e se faz urgentemente necessário “um novo estilo de vida” (LS 16), pois “não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo” (LS 118). Enfim, o que se buscou com esta pesquisa não foi somente promover uma reflexão para se construir uma vida sustentável, mas apresentar uma cultura capaz de contribuir para a reconstrução de uma vida sustentável, digna e justa para todos.

Referências Bibliográficas

- BARDIN Laurence, *Análise de conteúdo*, Edições 70, São Paulo 2011.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, Paulus, São Paulo 2019¹³.
- BRUNDTLAND COMMISSION REPORT, *Our common future*, Oxford University Press, Oxford 1987.
- BRUNDTLAND Gro Harlem (org.), *Nosso Futuro Comum*, Relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro 1991².
- CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, “Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*”, Paulus: São Paulo, 1997.
- FRANCISCO, “Carta Encíclica *Laudato Si*” (24.05.2015), Paulinas, São Paulo 2015.
- GONZAGA Waldecir, *Compêndio do Cânon Bíblico: Listas Bilingues dos Catálogos Bíblicos: Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos*, Vozes, Petrópolis – Editora PUC-Rio, Rio de Janeiro 2019.

MARUJO, Marcelo Pereira, *Gestão Sustentável com Pessoas: vantagem competitiva na contemporaneidade*, PerSe, São Paulo 2019.

MELLO, Thiago de, *Faz Escuro, Mas Eu Canto: Porque a Manhã Vai Chegar*, Global Editora, São Paulo 1965²⁴.

MELLO, Thiago de, *Os Estatutos do Homem*, trad. Pablo Neruda, Vergara e Ribas, São Paulo 2002.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Paulinas, São Paulo, 2005.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, *Acompanhando a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável*, PNUD, Brasília 2015.

SACHS Ignacy, *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*, Garamond, Rio de Janeiro 2002.

SIQUEIRA José Carlos de, *Laudato Si: um presente para o planeta*, Ed. PUC-Rio, Rio de Janeiro 2016.

VERGARA Silvia Constant, *Métodos de pesquisa em administração*, Atlas, São Paulo 2015⁶.

Referências Webliográficas

GONZAGA Waldecir, *Anais do VII Congresso da ANPTECRE*. PUC-Rio, de 17 a 20 de setembro de 2019, Texto da Apresentação dos Anais, 5-11, em <http://www.eventospucRio.teo.br/files/publicacao%20anais%20-%20completo.pdf> (data de consulta 01.04.2020).

“ONU elogia encíclica do Papa Francisco sobre mudança climática”, em *ONU – Objetivos de desarrollo sostenible*. In: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/es/2015/06/la-onu-elogia-la-enciclica-del-papa-francisco-sobre-el-cambio-climatico/>, (data de consulta 01.04.2020).

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 2004, em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html (data de consulta 01.04.2020).

“Relatório Bruntland”, em “Relatório Brundland”, em https://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_Brundtland (data de consulta 01.04.2020).

“Sinergia”, em *Dicio. Dicionário online de Português*, em <https://www.dicio.com.br/sinergia/> (data de consulta 01.04.2020).

“Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, em *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. In: Nações Unidas Brasil*, em <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> (data de consulta 01.04.2020).